

MEMÓRIA CAMPINEIRA

AS TRÊS CAMPINAS

Benedito Barbosa PUPO

Na densa mata que se situava entre Jundiáí e Mogi-Mirim, cortada pelo “caminho dos Goiazes”, aberto em 1721, havia três áreas cuja cobertura florística era constituída de vegetação rasteira, o que determinou a denominação de “Campinas do Mato Grosso”. Eram necessárias quatro jornadas para transpor essa mata, o que obrigava os seus usuários a pernoitarem em pontos escolhidos.

Os itinerantes que por aqui passavam escolheram para pouso na região uma das campinas que se situava na margem do córrego hoje denominado Proença. Depois de utilizarem a campina eleita durante algum tempo, os viajantes optaram por outra, situada a sudeste, no local onde, em 1774, se iniciaria o núcleo urbano fundado por Barreto Leme, por determinação do governador da Capitania, Dom Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Mateus. Com tal mudança de local, o local primeiramente usado como pouso, passou a ser conhecido como “Campina Velha”, o que gerou um equívoco entre os primeiros historiadores de Campinas.

O ponto, agora comprovado como o verdadeiro início do núcleo urbano, que deu origem à metrópole campineira, situava-se na segunda campina, à margem do córrego do Tanquinho.

Até o início da década 1971/80, falava-se e escrevia-se muito sobre a “Campinas Velha”, referindo-se ao pseudo local da origem da cidade. Com a possibilidade de consulta às fontes primárias da história de Campinas, o equívoco pôde ser corrigido. Foram fundamentais para essa correção os manuscritos do Margado de Mateus,

encontrados no Arquivo do Estado e na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. No acervo do primeiro, estão à disposição dos pesquisadores, os atos do governador da Capitania ordenando a fundação na nova povoação e nomeando Barreto Leme como fundador, diretor e administrador do núcleo urbano a ser implantado em sítio da melhor conveniência.

Um exame sob o ponto de vista lingüístico nos leva logo a pensar que possivelmente os que primeiro registraram o fato histórico da fundação de Campinas, acrescentaram ao substantivo “campina”, um “s”, resultando o erro gramatical de concordância do adjetivo “velha” com a palavra à qual qualifica. Daí, a interpretação de que houve um núcleo urbano conhecido como “Campinas Velha”. Essa errônea concepção perdurou por muitos anos, até que, nas proximidades do segundo centenário da fundação da cidade, se comprovou, com documentação de fontes primárias, ter sido o núcleo urbano (marco inicial da cidade) implantado na “campina” situada a sudeste do que tinha sido o local primeiramente utilizado pelos itinerantes para pouso.

Assim, a expressão “Campinas Velha” como os antigos cronistas referiam-se à campina que primeiramente serviu de pouso aos itinerantes, é um mito criado por uma falsa interpretação da expressão “campina velha”, pois nesta não houve nenhum aglomerado urbano que justificasse a expressão, usada com relação à inexistente “Cidade Velha”.

(De um artigo publicado originalmente no “Diário do Povo”)

N. da R. Cumpre-nos informar aos leitores eventualmente interessados neste assunto que os documentos do Morgado de Mateus a que o autor se refere como existentes no Arquivo do Estado e na Biblioteca Nacional, estão atualmente reproduzidos em outras publicações, inclusive esta própria, em seu nº 59, de 1974, comemorativo do bicentenário de Campinas. E já o haviam sido, antes, reproduzimos na “Monografia Histórica de Campinas”, publicação do IBGE, de 1952.